



E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

RS SERVIÇOS **TERCEIRIZAÇÃO** rsterceirizacao.com.br
 / LIMPEZA / PORTARIA / RECEPÇÃO / MOTORISTA
 SÃO PAULO - 11 3803-8853 | CAMPINAS - 19 3396-8966
 GUARULHOS - 11 4574-7970 | SANTOS - 13 3288-3024

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Govto vai compensar corte de salários. Pág. B6

Previsão é de entidades do setor que, em alguns casos, dizem que vão primeiro tentar contornar o problema com adoção de férias coletivas; além das demissões, comerciantes tentam renegociar contratos de locação e prorrogar pagamentos de fornecedores

Com coronavírus, comércio já demite; cortes podem atingir 5 milhões no País

Renato Azeite

Em meio às ordens para fechamento de shopping centers ao redor do País e após três dias de isolamento voluntário da população, como tentativa de conter a escalada dos casos de coronavírus nas principais cidades, os varejistas refazem as contas, renegociam pagamentos a fornecedores e dizem que, inevitavelmente, começarão a demitir seus funcionários a partir da semana que vem.

Estimativas de entidades patronais, como a Associação Brasileira das Lojas Satélites (Ablos), que reúne as lojas maiores dos shoppings, e a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), falam em até 5 milhões de desempregados no comércio pelo País, até o fim de abril.

Segundo Paulo Solmucci, da Abrasel, os empresários já vêm de um longo período de vendas fracas e não têm, neste momen-



Sob pressão, TNG tem 170 lojas e 1.600 funcionários

to, falta para manter impostos, aluguel de ponto e folha salarial com os empreendimentos fechados. "A situação já estava péssima, agora ficou dramática", diz.

Já Tito Bessa Júnior, da Ablos, afirma que o capital de

giro dos comerciantes mal consegue suprir um mês fraco de vendas, o que dirá cinco semanas sem faturamento - a maioria das ordens de fechamento vão da semana que vem até o fim de abril. "Eu mesmo vou demitir cerca de 40% dos meus

funcionários a partir da semana que vem", diz Bessa Júnior, que também é dono da rede TNG, com 170 lojas e 1.600 funcionários. "Acabei de encerrar o contrato com a empresa de limpeza, hoje (ontem) já cortei o pessoal que presta serviço para o TI e, na semana que vem, vou ter de dispensar 500 pessoas das operações das lojas."

Coletivas. Segundo ele, os shoppings centers empregam direta e indiretamente 4 milhões de pessoas pelo Brasil. Se a situação permanecer com esta, a tendência é que a metade seja liberada pelas empresas. "Eu estou há três dias conversando com lojistas e todos dizem que vão cortar 30%, 40%. Alguns vão dar férias coletivas primeiro, mas a partir de abril não tem o que fazer", conta.

O advogado Leonardo Tavano, do escritório Tavano Maier Advogados, que atende grupos como Vivara, Cinemark, Etna e

Restoqur (dona das marcas Le Lis Blanc, Dudalina, John John), diz que sua equipe trabalha sem parar nas últimas 72 horas preparando demissões e alternativas, como redução de jornada de trabalho de 25%, férias individuais e coletivas. "O que estou vendo é que as lojas vão fechar unidades, principalmente aquelas que já tinham com baixa performance, e enxugar de 30% a 50% do o quadro de colaboradores."

Além das demissões, os comerciantes tentam renegociar os contratos de locação, assim como prorrogar os pagamentos dos fornecedores. "Impos-

● Preservação

"Imposto, aluguel de shopping, essas coisas esquece, não vou pagar. Meta é preservar a maior quantidade de empregos."
Angelo Augusto de Campos

DA MZB

to, aluguel de shopping, essas coisas esquece, não vou pagar. A minha meta é preservar a maior quantidade possível de empregos", conta Angelo Augusto de Campos Neto, da MOB, com 34 lojas. "Estou tentando conversar com os shoppings para ver se eles paralisam a cobrança de aluguel e condomínios, já que estamos fechados mesmo", conta Andrea Duca, da Gregory, com 62 lojas. Ela vai dar férias coletivas aos funcionários e começar a demitir os vendedores comissionados. "Vamos agora cortar os funcionários que ainda não concluíram o período de experiência, deve dar uns 100", diz.

Para o economista Claudio Felisone de Angelo, coordenador do programa de administração de varejo da FIA, os comerciantes não têm outra alternativa a não ser reduzir o quadro de funcionários. "É uma decisão muito dura, mas é isso ou quebrar."

A INDÚSTRIA DO PLÁSTICO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

A ameaça do novo coronavírus exige que cada um de nós faça a sua parte para debelarmos o mais breve possível a pandemia.

A indústria do plástico está unida em torno de duas prioridades:

1. Preservar e proteger a saúde e o emprego dos mais de 380.000 funcionários diretos e familiares das 12.500 fábricas do setor.
2. Seguir atendendo à demanda da cadeia produtiva de utensílios médico-hospitalares: máscaras, seringas, cateteres, bolsas de soro e sangue, frascos de álcool gel, vestimentas de médicos e enfermeiros e respiradores. Estamos focados também em produzir embalagens para alimentos, bebidas, medicamentos, instrumentos cirúrgicos, produtos de limpeza, copos, pratos e talheres descartáveis, evitando maior consumo de água, muito demandada neste período.

O momento é de convergência para todos os agentes públicos e privados. Unida, a indústria do plástico está preparada para o combate ao coronavírus, sobretudo no atendimento das pessoas que mais sofrem com essa dramática situação.

Temos certeza de que o Brasil emergirá da crise mais preparado para crescer, com geração de emprego, renda e qualidade de vida para a população.



abiplast
 Associação Brasileira da Indústria do Plástico



Sindiplast

Sindicato da Indústria de Material Plástico, Transformação e Embalagem de Material Plástico do Estado de São Paulo

Disputa de narrativas e a pandemia

Novas tensões políticas desviam a atenção do que deveria importar

Tatiana Prazeres

Senior Fellow na Universidade de Negócios Internacionais e Economia, em Pequim, foi secretária de comércio exterior e conselheira sênior do diretor-geral da OMC

Se não bastasse a crise de saúde pública que vivem, China e EUA se envolveram num novo problema, de ordem política, relacionado à Covid-19. Nesta semana, trocaram acusações e alimentaram uma disputa de narrativas que envolve o nome e a origem do novo coronavírus, além de restrições à atuação da imprensa em ambos os lados.

Com isso, criam ruído e obscurecem o canal de comunicação que deveria fluir de desimpedida mente para enfrentar a pande-

mia e a recessão que se avizinha.

O capítulo mais recente das tensões bilaterais começa em fevereiro e inclui a revogação de credenciais pela China, de três jornalistas do Wall Street Journal baseados em Pequim, após a publicação do artigo "A China é o verdadeiro doente da Ásia" —para os chineses, um insulto que remete à maneira como o país era tratado durante o chamado século da humilhação.

É verdade que na véspera da expulsão os EUA haviam decidi-

do passar a tratar cinco veículos de comunicação chineses como extensão do governo da China, conferindo-lhes um tratamento diferente daquele dado à mídia considerada independente.

Em resposta, os EUA definiram um número máximo de nacionais chineses autorizados a trabalhar em veículos que Washington considera instrumentos de propaganda do governo chinês. Com isso, jornais e agências de notícias chinesas tiveram que reduzir de 160 para 100 os

empregados nos EUA. Alegando reciprocidade, a China decidiu nesta semana revogar credenciais de pelo menos 13 jornalistas americanos de três dos mais importantes veículos dos EUA.

Mas o caldo engrossou mesmo quando Donald Trump se referiu à Covid-19 como "vírus chinês", justamente quando a China começava a questionar a origem do vírus. Pequim achou por bem endossar uma das teses das redes sociais, e um porta-voz do governo sugeriu que

o vírus havia sido levado a Wuhan por militares americanos.

Nesta semana, Trump aproveitou o ensejo para dobrar a aposta. Disse que era apropriado chamar de vírus chinês. Pequim protestou, disse que a intenção de Trump era estigmatizar o país e ressaltou que a denominação (contra as orientações da OMS) alimentava xenofobia.

Esses eventos não são alheios à dinâmica eleitoral americana. Depois de desacertos no início do combate à Covid-19, Trump agora corre atrás do prejuízo (e num momento em que a China colhe os louros dos seus esforços). Enquanto a situação não melhorar para os EUA, culpar a China será o remédio, o que ajuda a tirar o foco de erros internos.

Mais, uma possível recessão nos EUA poderá comer a reeleição de Trump pelos beirados. É politicamente irrisível para

ele apontar o dedo para inimigo externo —com nome e endereço certos— para atribuir males que o podem acometer na economia.

Por outro lado, se a resposta de Trump for eficaz, os americanos podem premiá-lo nas urnas. Enquanto isso, e por via das dúvidas, culpar a China parece seguro.

É lamentável surgirem novas dificuldades relacionadas à pandemia, desviando as atenções do problema que deveria importar.

Esses novos focos de tensão dificultam a coordenação de esforços para combater a crise real. Criar outra, política, pode interessar à agenda de um ou outro, mas não ajuda em nada a combater a Covid-19 ou a proteger a economia mundial do colapso.

O relacionamento das duas potências se deteriora quando o mundo mais precisa dele. China e EUA devem atacar o inimigo comum em vez de se atacar.

|DOM. Sylvia Colombo | SÁB. Mathias Alencastro | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Roberto Simon, Jaime Spitzovsky

‘O perigo mora em casa, e driblar a ansiedade é fundamental’

DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO

Susana Bragatto

BARCELONA. Dia #6 - Quinta, 19 de março. Cena: Hoje bateu.

Enquanto vejo notícias do Brasil e vídeos no "fotobuqui" do Yo Yo Ma tocando Bach para acalmar nossos ânimos, a Espanha marca mais de 17 mil contaminados pelo coronavírus, num total de pelo menos 3.400 novos casos em um único dia. Meu coração, não sei por quê, bate hoje mais ansioso.

O aumento vertiginoso de

casos é esperado. Segundo o Conselho de Saúde de Madrid, o ápice de contágios deve se dar dentro de aproximadamente seis ou sete dias, com um ponto de inflexão a partir de meados de abril.

Por aqui, hoje anunciam que vão proibir dinheiro vivo para pagar ônibus, reforçar a disponibilidade de testes rápidos para casos leves e medidas mais que começam a se acumular como "popurró" de mil carros tanados em máquina aturdiada cabeça, saturada de corona corona corona 24h/7. Nam grande supermercado

perto de casa, quase é mais fácil dizer o que tem, não o que falta: a horda taquicárdica deixou para trás umas fraldas geriátricas XL e lenços ultramentolados (que eu comprei sem me ligar, pensando que sortentinho de encontrar um pacote de lenços para chamar de meu); amaciantes supercaros com perfumes cripticos; feijão-beanco em lata; luvas de limpeza de privada aroma lavanda.

Tanto perfume artificial metido em pacotes plásticos subitamente me dá enjoo. Eu me apoio (com luvas) na gondola de chocolates (sem chocola-

tes) para respirar fundo (pela máscara, criando aquele bafo quente circular infinito, o que me dá ainda mais angústia).

Anoite, em nosso isolamento domiciliar, vemos "Os Sete Samurais" do Kurosawa na tevê. Dá saudade de casa (sou "mezzo-descendente" de japonês e italiano, um clássico paulistano). Tô de quarentena, mas posso ver um épico de três horas e meia numa quarta à noite, penso. No fim (spoiler, spoiler!), o samurai-chefe observa a colina repleta de sepulturas depois da batalha contra ladrões em uma aldeia rural

do Japão feudal e comenta ao companheiro: nós perdemos. Quem ganhou foram eles — e a imagem P&B corta pros camponeses cantando e plantando arroz num campo renovado.

Começo a refletir sobre o que vem depois. Depois que a tal batalha mundial acabar.

Como um raio, uma visão randômica e completamente desimportante (ou não) sa-bota meu fluxo de ideias: penso no Yo Yo Ma e nos figurinos caseiros em tempos de confinamento. Nos vídeos supracitados, o violoncelista aparece impecável de terno, pron-

to para ser teletransportado para o Carnegie Hall, no que parece ser a sala de sua casa.

Dedica sua performance "aos profissionais de saúde nas linhas de frente" e oferece um lindo Dvořák com a legenda: "nesses dias de ansiedade, quis encontrar uma maneira de seguir compartilhando algumas músicas que me reconfortam [...] Stay safe". Meu coração vai se tranquilizando, obrigada. Pode ser fetiche, mas para eu ficar ainda mais emocionada, eu queria ver o Yo Yo Ma tocando de pijama.

A INDÚSTRIA DO PLÁSTICO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

A ameaça do novo coronavírus exige que cada um de nós faça a sua parte para debelarmos o mais breve possível a pandemia.

A indústria do plástico está unida em torno de duas prioridades:

1. Preservar e proteger a saúde e o emprego dos mais de 380.000 funcionários diretos e familiares das 12.500 fábricas do setor.
2. Seguir atendendo à demanda da cadeia produtiva de utensílios médico-hospitalares: máscaras, seringas, cateteres, bolsas de soro e sangue, frascos de álcool gel, vestimentas de médicos e enfermeiros e respiradores. Estamos focados também em produzir embalagens para alimentos, bebidas, medicamentos, instrumentos cirúrgicos, produtos de limpeza, copos, pratos e talheres descartáveis, evitando maior consumo de água, muito demandada neste período.

O momento é de convergência para todos os agentes públicos e privados. Unida, a indústria do plástico está preparada para o combate ao coronavírus, sobretudo no atendimento das pessoas que mais sofrem com essa dramática situação.

Temos certeza de que o Brasil emergirá da crise mais preparado para crescer, com geração de emprego, renda e qualidade de vida para a população.



adiplast
Associação Brasileira da Indústria de Plástico



Sindiplast

Sindicato da Indústria de Material Plástico, Transformação e Reciclagem de Material Plástico do Estado de São Paulo

ANA LUCIA AZEVEDO
E ANA LETÍCIA LEÃO
an.luciaz@globo.com.br
ana.leticia@globo.com.br

VÍRUS DO PÂNICO BUSCA DESNECESSÁRIA POR TESTE AMEAÇA ATENDIMENTO

Pessoas que deveriam estar em casa e, assim, colaborar para deter a propagação da Covid-19, estão superlotando hospitais, sem necessidade, para fazer testes que podem faltar para quem, de fato, precisa.

Os primeiros resultados da testagem iniciada esta semana na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) revelam um cenário explosivo na busca pelo exame: das 140 pessoas testadas, apenas quatro tiveram resultado positivo — um percentual muito baixo.

— Esse comportamento insano e egoísta pode nos transformar numa nova Itália e colapsar o nosso sistema de saúde antes mesmo da epidemia se agravar. Esse vírus do pânico vai matar gente doente de verdade, que precisa de atendimento e vai encontrar a rede superlotada — alerta Amílcar Tanuri, professor titular da UFRJ que coordena os testes e é um dos raros virologistas do país com experiência no combate das pandemias de ebola e HIV na África.

O posto da UFRJ foi montado exclusivamente para profissionais de saúde e grupos pré-selecionados devido ao risco. Ainda assim, pessoas com pouco ou nenhum sintoma, ou de baixo risco, foram se testar, como mostram os resultados.

Em visitas a hospitais da rede pública e privada, Tanuri detectou o mesmo problema: o serviço de emergência sen-



Corrida prejudicial. Combate à Covid-19 está sendo afetado pela ida em massa a hospitais de pessoas que não precisariam fazer testes para a doença

do inundado por gente com sintomas de pouca gravidade.

— Mandei todo mundo para casa. Quem não está na linha de frente do combate da Covid-19 ou não tem sintomas realmente mais graves, por favor, fique em casa.

Não prejudique o combate da pandemia. Além disso, mesmo que a pessoa seja egoísta e irresponsável e não ligue a mínima para a sociedade, deveria saber que o hospital é o melhor lugar para contrair o vírus. Ela

tem grande chance de sair de lá infectada — afirma.

Tanuri lembra que a população precisa estar atenta aos sintomas importantes: infecção respiratória com falta de ar e sensação de cansaço profundo sem causa

aparente. Hipertensos, diabéticos, imunodeprimidos e idosos devem ficar em casa. Esses casos podem ser avaliados em UPAs com medição de oxigênio. Se o nível estiver baixo, aí sim a recomendação é de teste.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que seja feita testagem em massa, mas os países não têm capacidade de examinar a maior parte da população, por falta de insumos.

ESTOQUE

No mundo ideal, todo brasileiro deveria ser testado em caso de qualquer sintoma semelhante ao novo coronavírus. No entanto, em tempos de pandemia, a vida real é bem diferente.

— Se todo mundo fizer o teste, vai acabar. É claro que estamos preocupados, existe uma demanda mundial por insumos —, afirma Priscila Franklim Martins, diretora-executiva da Abramed (Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica).

Para não sobrecarregar os hospitais, conta Priscila, os testes têm sido realizados apenas diante de um pedido feito por um médico do pronto-socorro.

Antes do aumento significativo dos casos no país, alguns laboratórios estavam oferecendo exame a domicílio, mas o serviço foi cortado por causa da demanda.

O ideal, segundo a Abramed, é que se faça uma pré-seleção dos testes que serão realizados. A avaliação clínica cabe a um médico da emergência. Esse seria um dos caminhos para tentar dar conta da demanda.

— O exame precisa estar disponível para quem precisa. Estamos gerenciando estoques. Não há falta. Hoje, conseguimos atender, mas se houver prescrição indiscriminada, não vamos conseguir —, afirma Priscila.

A INDÚSTRIA DO PLÁSTICO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

A ameaça do novo coronavírus exige que cada um de nós faça a sua parte para debelarmos o mais breve possível a pandemia.

A indústria do plástico está unida em torno de duas prioridades:

1. Preservar e proteger a saúde e o emprego dos mais de 380.000 funcionários diretos e familiares das 12.500 fábricas do setor.
2. Seguir atendendo à demanda da cadeia produtiva de utensílios médico-hospitalares: máscaras, seringas, cateteres, bolsas de soro e sangue, frascos de álcool gel, vestimentas de médicos e enfermeiros e respiradores. Estamos focados também em produzir embalagens para alimentos, bebidas, medicamentos, instrumentos cirúrgicos, produtos de limpeza, copos, pratos e talheres descartáveis, evitando maior consumo de água, muito demandada neste período.

O momento é de convergência para todos os agentes públicos e privados. Unida, a indústria do plástico está preparada para o combate ao coronavírus, sobretudo no atendimento das pessoas que mais sofrem com essa dramática situação.

Temos certeza de que o Brasil emergirá da crise mais preparado para crescer, com geração de emprego, renda e qualidade de vida para a população.



Sindiplast

Sindicato da Indústria de Produtos Plásticos, Transformação e Reciclagem de Materiais Plásticos do Estado de São Paulo

Brasil

Conjuntura Medida vale para quem ganha até 2 mínimos e tiver redução salarial, valor será descontado depois **Governo 'antecipa' 25% do seguro-desemprego**



Alto custo, Ministério da Saúde

Para garantir o acesso a exames e medicamentos, o Ministério da Saúde decidiu não cobrar o seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador. A medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador. A medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

medida para o seguro-desemprego, em virtude do alto custo dos medicamentos. "O seguro-desemprego é um benefício previdenciário", afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

Além das medidas de flexibilização temporária do artigo 113 da Constituição, que já foram adotadas anteriormente, o novo medida de caráter excepcional facilita o acesso do trabalhador ao seguro-desemprego. Segundo o ministro, a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.



Marcelo Freixo, ministro da Saúde, durante coletiva de imprensa

Ministro da Saúde de fazer as flexibilizações. "O seguro-desemprego é um benefício previdenciário", afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

Além das medidas de flexibilização temporária do artigo 113 da Constituição, que já foram adotadas anteriormente, o novo medida de caráter excepcional facilita o acesso do trabalhador ao seguro-desemprego.

Segundo o ministro, a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

A medida deve valer para quem ganha até dois mínimos e tiver redução salarial, valor será descontado depois. O seguro-desemprego é um benefício previdenciário, afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

Além disso, Freixo afirmou que o seguro-desemprego é um benefício previdenciário, afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

Além disso, Freixo afirmou que o seguro-desemprego é um benefício previdenciário, afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

Corte de salários atingirá mais atividade, dizem centrais

Centrais sindicais

A possibilidade de redução de salários em setores essenciais, como saúde e segurança, afetará mais a atividade econômica, segundo as centrais sindicais.

Os trabalhadores devem ser remunerados de acordo com o mercado de trabalho, afirmou o ministro da Saúde, Marcelo Freixo.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

Segundo o ministro, a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

O ministro também afirmou que a medida é uma exceção ao artigo 113 da Constituição (CF), que prevê a cobrança do seguro-desemprego para quem ganha até dois salários mínimos e tem o salário reduzido pelo empregador.

A INDÚSTRIA DO PLÁSTICO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

A ameaça do novo coronavírus exige que cada um de nós faça a sua parte para debelarmos o mal mais recente e perigoso.

A indústria do plástico está unida em torno de duas prioridades:

1. Preservar e proteger a saúde e a segurança das mais de 300.000 funcionários diretos e familiares das 12.500 fábricas do setor.
2. Seguir atendendo à demanda de matéria-prima produtiva de utensílios médico-higienizantes: máscaras, seringas, cateteres, luvas de uso e lavagem, frascos de álcool gel, vestimentas de proteção e desinfetantes e respiradores. Estamos focados também em produzir embalagens para alimentos, bebidas, medicamentos, instrumentos cirúrgicos, produtos de limpeza, copos, pratos e talheres descartáveis, evitando maior consumo de água, muito demandada neste período.

O momento é de convergência para todos os agentes públicos e privados. Unidos, a indústria do plástico está preparada para o combate ao coronavírus, sobretudo na atendimento das pessoas que mais sofrem com essa delicada situação.

Temos certeza de que o Brasil emergirá da crise mais preparado para crescer, com geração de emprego, renda e qualidade de vida para a população.

abiplast Associação Brasileira da Indústria do Plástico

Sindiplast Sindicato Brasileiro da Indústria do Plástico